



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**O INDIVÍDUO GERACIONAL ATRAVÉS DA FIGURA FEMININA ISRAELENSE  
DURANTE A FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL EM “MEU MICHEL”,  
DE AMÓS OZ**

Clara Angélica Machado Rego

Rio de Janeiro

2021

CLARA ANGÉLICA MACHADO REGO

O INDIVÍDUO GERACIONAL ATRAVÉS DA FIGURA FEMININA ISRAELENSE  
DURANTE A FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL EM “MEU MICHEL”,  
DE AMÓS OZ

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Letras na habilitação Português/  
Hebraico.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> M<sup>a</sup> Karla Louise de Almeida Petel

Rio de Janeiro

2021

### CIP - Catalogação na Publicação

RR343i      Rego, Clara Angélica Machado  
              O indivíduo geracional através da figura feminina  
              israelense durante a formação do estado de Israel em  
              "Meu Michel", de Amós Oz / Clara Angélica Machado  
              Rego. -- Rio de Janeiro, 2021.  
              30 f.

              Orientadora: Karla Louise de Almeida Petel.  
              Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
              Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
              de Letras, Bacharel em Letras: Português -  
              Hebraico, 2021.

              1. Geração do Estado. 2. Figura feminina. I.  
              Petel, Karla Louise de Almeida, orient. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por todo o aprendizado durante o processo de construção desta monografia e pelo término da minha graduação em Letras.

Agradeço a minha família, Ângela Maria, Pierre e Maria do Nascimento, que são pessoas muito queridas por mim e sempre me motivaram durante o curso com palavras e ações que me ajudaram a concluir este trabalho.

Agradeço a uma querida professora e também minha orientadora, Karla Petel, pelo acolhimento desde o início, pelos conselhos e pelas correções durante o processo de construção da pesquisa.

Agradeço à Faculdade de Letras da UFRJ e a todos os professores pelo aprendizado que contribuiu para minha formação.

Finalmente, agradeço também a parentes e amigos próximos que torceram por mim e, principalmente, pelo término deste percurso.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
 <b>CAPÍTULO I – ISRAEL E A LITERATURA INDIVIDUALISTA DE AMÓS OZ .....</b>	<b>7</b>
1.1 AMÓS OZ: PERFIL BIBLIOGRÁFICO DO MAIS CONHECIDO AUTOR ISRAELENSE .....	7
1.2 A GERAÇÃO DO ESTADO NA LITERATURA MODERNA ISRAELENSE: A ESTÉTICA DOS INDIVIDUALISMOS .....	10
1.3 A INSERÇÃO DA LITERATURA DE AMÓS OZ NA SOCIEDADE ISRAELENSE DA DÉCADA DE 1960 .....	12
1.4 <i>MEU MICHEL</i> E A GUERRA DOS SEIS DIAS.....	13
 <b>CAPÍTULO II – A VIDA DE HANA GONEN À MARGEM DA SOCIEDADE .....</b>	<b>16</b>
2.1 A FIGURA FEMININA ATRAVÉS DA LINHA DO TEMPO DA CULTURA HEBRAICA.....	16
2.2 A FIGURA DA MULHER DO PÓS-GUERRA E SUAS PARTICULARIDADES.....	18
2.3 ANÁLISES DO PSICOLÓGICO FEMININO EM HANA GONEN.....	20
2.4 A COMPLEXA SEXUALIDADE FEMININA DA PROTAGONISTA DE <i>MEU MICHEL</i> .....	23
 <b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar a figura feminina na literatura israelense, mais especificamente aquela que se refere ao período de construção do Estado de Israel<sup>1</sup>. Dito isso, esta monografia discorre sobre a personagem Hana Gonen, protagonista do romance *Meu Michel* (1968), do autor israelense Amós Oz. A análise é dividida em dois capítulos, cada um com quatro tópicos referentes ao tema central. No primeiro capítulo, aborda-se a importância da literatura de Oz e de outros autores reconhecidos pela forma e conteúdo literários da Geração do Estado<sup>2</sup> para a sociedade do período, que enfrentava situações conflituosas com o início da Guerra dos Seis Dias. No segundo capítulo, é discutida a individualidade e o papel da figura feminina israelense depois de a protagonista viver momentos conturbados em sua trajetória até a fase adulta. A partir da discussão, busca-se analisar o perfil físico, emocional e psicológico da mulher moderna israelense, a principal personagem do romance estudado.

Após enfrentar inúmeros embates e participar de guerras, Israel resistiu e tornou-se um Estado independente. Assim, o país buscava conviver com as memórias de um passado árduo, comemorando as vitórias e o início de seu reconhecimento como Estado. Durante esse período da história de Israel, a produção literária existente também vivenciava uma transição em sua jornada, que correspondia à troca de um ideal coletivo para um individual, ou seja, a literatura da época do Estado passou a ser identificada através dos pensamentos e ideais de um determinado indivíduo. Nessa visão, a literatura de Amós Oz traria uma nova perspectiva de mundo para a sociedade israelense atual.

O romance de Oz, narrado pela própria protagonista, revela a história da personagem Hana Gonen e de seu marido, Michel Gonen. O fato de ter um narrador personagem torna o enredo individual, uma vez que Hana relata sonhos, medos e sua própria vivência. A personagem feminina da narrativa é uma mulher forte, pois enfrentou muitos conflitos durante toda a sua vida. Tais situações trouxeram à personagem alguns traumas e marcas relatados que influenciavam suas escolhas e sua própria personalidade. Observa-se que Hana apenas vivia plenamente por meio dos sonhos e desejos que tinha e, dessa forma, demonstra uma fuga da realidade a qual se encontrava.

De acordo com o apresentado, considera-se esta análise um breve relato sobre a literatura israelense da Geração do Estado a partir de uma personagem feminina que reflete um

---

<sup>1</sup> O Estado de Israel foi fundado no ano de 1948, e assim, tornava-se um país independente.

<sup>2</sup> É um dos períodos de grande importância na literatura israelense. Denomina-se Geração do Estado.

perfil do indivíduo israelense pós-guerras, da época de 1960. Não menos importante, ressalta-se que Oz é um indivíduo que luta pela paz mundial, evidenciando-nos um olhar de sensibilidade e criatividade com os personagens presentes em suas obras.

## CAPÍTULO I – ISRAEL E A LITERATURA INDIVIDUALISTA DE AMÓS OZ

### 1.1 AMÓS OZ: PERFIL BIBLIOGRÁFICO DO MAIS CONHECIDO AUTOR ISRAELENSE

O romance *Meu Michel* foi escrito por Amós Oz (1939–2018), um dos escritores israelenses de maior importância no mundo atual. O autor nasceu no ano de 1939, na cidade de Jerusalém, em Israel, e prestou serviços no *Kibutz* Hulda, onde viveu durante trinta anos de sua vida. Logo após, foi estudar Filosofia e Literatura na Universidade Hebraica, onde se formou como bacharel. No ano de 1961, completou o serviço militar obrigatório e deu início a uma carreira literária. Em 1965, iniciou a publicação de livros, artigos, novelas, romances, críticas, entre outros.

Amós Oz — que vivia com sua família na cidade de Arad, em Israel — era escritor, casado com Nily Zuckerman e pai de três filhos: Fania, Gallia e Daniel Oz. Conhecido autor contemporâneo, Oz fez densas análises críticas sobre a vida dos israelenses através de suas obras, mostrando originalidade ao abordar relações interpessoais e sublinhar características peculiares dos seres humanos. O autor faz parte da terceira geração de escritores que foram, e ainda são, responsáveis por uma mudança na perspectiva política, cultural e literária na sociedade atual. O crítico literário Gershon Shaked (2006) denomina tal recorte na linha do tempo da literatura hebraica moderna de “Geração do Estado”: aquela que consiste em uma nova onda literária, se comparada às gerações anteriores, pois além de abordar temáticas particulares ligadas à própria essência do indivíduo, também trata de questões referentes ao recém-formado Estado de Israel. Muitas de suas obras relatam os primeiros momentos de Israel como um novo país.

Ainda em relação à importância da intelectualidade de Oz na sociedade israelense, Moreira (2016) discorre que:

Como um importante intelectual israelense, Amós Oz é constantemente questionado por diversos jornalistas, estudiosos e líderes políticos estrangeiros a respeito de seu posicionamento sobre as políticas adotadas pelo governo de Israel. Assim como David Grossman e outros autores israelenses cujos livros são lidos pelo público internacional, sua obra apresenta importantes discussões que ajudam a vislumbrar a sociedade israelense da segunda metade do século XX e das primeiras décadas do século XXI e suas problematizações como o conflito árabe-israelense, a chegada dos sobreviventes do nazismo, as guerras e as relações entre os diferentes grupos de judeus, como a elite *ashkenazi*, e os *sefaradim* e os *mizrahim*. (MOREIRA, 2016, p. 89).



Além de escritor, Amós Oz foi combatente na Guerra dos Seis Dias, que ocorreu no ano de 1967<sup>3</sup>. Desde então, por ter fortes convicções políticas, o autor tornou-se, também, um ativista, participando como um dos fundadores do *Shalom Achshav*<sup>4</sup> e defendendo a criação de dois Estados como uma solução para o conflito Árabe-Israelense<sup>5</sup>.

Na literatura, Amós Oz é considerado o escritor israelense mais lido em todo o mundo, tendo sido traduzido para mais de trinta idiomas. Suas obras sobre paz e com visões humanitárias são lidas por diversos povos. Tudo isso contribuiu para que recebesse muitos prêmios em diferentes locais e eventos, desde universidades a instituições públicas e privadas. Alguns dos mais importantes foram o Prêmio Franz Kafka, em 2013, o Prêmio Goethe, em 2005, e o Prêmio Israel de Literatura, em 1998. A população israelense usufruiu de seus relatos e continua reinventando-se através de sua literatura. São histórias, conceitos e ideais que irão permanecer ao longo das gerações.

A obra *Meu Michel* é o primeiro romance do autor Amós Oz que é narrado por uma personagem feminina. A história começa em janeiro de 1960, na cidade de Jerusalém, e termina em maio de 1967, um período anterior à Guerra dos Seis Dias. A narrativa trata do romance entre duas personagens: Hana e Michel Gonen, que, ao longo da história, vivem conflitos comuns a todo casal. A partir disso, pode-se considerar que o comodismo no dia a dia, causado pela distância do casal, torna a relação instável. Além disso, a forte personalidade de Hana e a intensidade que ela transmite também são fatores que influenciam nos conflitos constantes.

Uma das características emblemáticas da composição de *Meu Michel* é o forte subjetivismo das personagens: Hana Gonen não tem vergonha de expor corajosamente suas emoções, sentimentos, medos e opiniões em relação a seu casamento com Michel, a sua família e a seu interior. Nessa perspectiva, ela faz uma autoanálise e, ao mesmo tempo, reflete sobre o mundo ao seu redor. Esse traço de subjetivismo que marca os protagonistas da obra, aliado às questões sociais, é analisado por Berezin (1983) no prefácio do romance:

Hana Gonen e seu marido Michel podem ser encarados como representantes de certa realidade israelense. Michel está firmemente assentado nas camadas do solo e não sente a “tempestade” política ou social. Mesmo na guerra ele não se encontra no centro dos acontecimentos. Hana, com sua personalidade sensível, sente mais do que compreende as forças destrutoras que pairam sobre Jerusalém. (BEREZIN, 1983, p. 7).

---

<sup>3</sup> Conflito entre Israel e Síria e outros países árabes, em que a nação de Israel vence e, com esta vitória, passa a ter domínio sobre outros territórios.

<sup>4</sup> Movimento militante em defesa da paz em Israel. Tradução da nomenclatura: “Paz agora”.

<sup>5</sup> Termo utilizado com regularidade por acadêmicos.

Convém ressaltar que a literatura hebraica é subdividida em algumas literaturas geracionais: a Geração dos Pioneiros (1<sup>a</sup>), a Geração da Terra (2<sup>a</sup>), a Geração do Estado (3<sup>a</sup>), são alguns exemplos delas. O primeiro grupo de escritores formaria o futuro Estado de Israel e, por isso, sua produção literária é considerada como a mais importante. Já o segundo grupo produzia contos identificados com a terra de Israel. Por fim, o terceiro grupo é formado por israelenses nativos ou não.

O período da Geração do Estado foi de grande importância para Israel e para sua literatura, uma vez que a produção literária dos escritores da terceira geração visava romper com os padrões sociais já abordados no meio literário. O ponto de vista desses escritores era voltado para a vida particular de cada personagem, e com a obra de Amós Oz, escrita durante o período de pós-guerra, não foi diferente: sua literatura demonstra sensibilidade e respeito aos sentimentos e emoções das personagens. Durante esse período, os escritores tinham consciência do momento no qual a nação vivia e, assim, provavam um sentimento de compaixão através da literatura, pois, ao mesmo tempo em que a nação comemorava os anos iniciais da criação do Estado, as pessoas eram retratadas como independentes e únicas. Não obstante, a população igualmente vivenciava fortes momentos de tensão devidos aos inúmeros conflitos que irrompiam na região.

A hipótese dos escritores e escritos da época era que a situação israelense, por ser fruto de um âmbito político/terra, parecia-se em tudo às situações existenciais do homem em qualquer outra parte do mundo. A colocação dessa semelhança entre os israelenses e os habitantes de qualquer outro país conferiu uma realidade à sensação de inovação na vida dentro do país. Pareceu que graças à existência do Estado, o israelense se tornara cidadão do mundo. Esta geração literária, talvez de forma atabalhoada, livrou-se do “nós” do coletivismo, sem se eximir totalmente do pano de fundo da sociedade israelense. (ROZENCHAN, 2004, p. 19).

Com a independência de Israel, a vida do homem israelense tornou-se nova, pois, a partir de 1948, os habitantes da terra encontraram o sentido da própria existência, isso porque, anteriormente à criação de um Estado, a população não era observada como parte independente, mas inserida no contexto global. Sendo assim, a literatura israelense começou a trazer uma nova forma de análise do homem, em que o próprio ser, agora com uma identidade revelada, ganhava reconhecimento individual em todas as áreas da vida, tornando-se, verdadeiramente, um cidadão de Israel.

## 1.2 A GERAÇÃO DO ESTADO NA LITERATURA MODERNA ISRAELENSE: A ESTÉTICA DOS INDIVIDUALISMOS

A literatura moderna israelense é caracterizada por uma junção das memórias do passado do povo com o ponto de vista apresentado pelos escritores nativos durante os períodos da história de Israel até os dias de hoje. Conforme já mencionado, Israel é uma nação marcada por feridas devido às inúmeras guerras que ocasionaram traumas nos níveis político, econômico, social e psicológico. Apesar disso, a sociedade israelense leva, em sua trajetória, marcas de esperança, as quais permitem que ela permaneça forte, mesmo em meio às tensões políticas e culturais. No âmbito da literatura, pode-se dizer que as obras resistem e agregam traços inovadores. Como afirma Jacó Guinsburg (2009),

Israel moderno é, sem dúvida, a realização desta busca e deste sonho. Mas, a sua literatura, que hoje cresce com todo o vigor de uma existência normalizada, de modo nenhum se tornou um mero reflexo daquelas raízes. Como a planta que brota da decomposição de suas sementes, a criação literária hebraica em Sion espalmou-se em direção própria, sob o influxo da realidade do solo em que se baseia, que é a de uma nação e uma sociedade com características sem par em seu passado, e a de uma luz, que é a de nosso tempo, violenta e inovadora, como este o é. (GUINSBURG, 2009, p. 24).

A importância dessa geração também se dá através da inspiração de seus escritores ao criarem e representarem a história e a personalidade de indivíduos geracionais em um Estado novo. Ou seja, as personagens têm características distintas que eram retratadas na literatura até a independência de Israel. As produções da década de 60 — objetos literários como poesias, peças de teatro, entre outros — foram as responsáveis por auxiliarem, em muitos aspectos, a formação de um Estado. Segundo Rozenchan (2004):

Essa geração abrange escritores mais traduzidos e conhecidos, como A. B. Yehoshua, Amós Oz, Aharon Appelfeld, Amália Kahana-Carmon, esta última muito pouco traduzida. Esse grupo representou — obviamente nas primeiras obras — uma nova corrente que inaugurou diferentes caminhos e formas na ficção hebraica, tendendo à introspecção, ao subjetivismo, com abundante emprego de alegorias, símbolos, mitos. Suas personagens são pessoas sem esperanças, alienadas, desvinculadas do tempo e do espaço; homens de vontade paralisada, que vivem exclusivamente num presente vazio. (ROZENCHAN, 2004, p. 20).

A terceira geração de escritores é caracterizada por honrar as obras dos autores das gerações anteriores. Segundo Steinberg (2000, p. 71), “A geração de Oz vê Israel como uma

sociedade, que sem desmerecer o passado, deve olhar para o presente de uma maneira crítica e realista, exaltar as qualidades alcançadas pela geração dos pioneiros, mas que não deve calar-se diante dos defeitos, desafios, injustiças e fraquezas [...]”. Ainda nesse raciocínio, Moreira (2016) conclui que:

Portanto, a literatura israelense é relativamente recente, uma vez que se começa a escrever no território do futuro Estado no final do século XIX e no início do século XX – embora a literatura hebraica tenha sido escrita num contínuo desde os textos bíblicos. Autores como Yosef Haim Brenner (1881-1921) e Shmuel Yosef Agnon (1888-1970) estão entre os primeiros escritores da moderna literatura hebraica que se desenvolveu tanto na prosa quanto na poesia. (MOREIRA, 2016, p. 85).

A literatura hebraica<sup>6</sup> existe desde a antiguidade, quando, ainda no período bíblico, era passada oralmente para as gerações seguintes. Porém, podemos considerar que a chamada literatura hebraica moderna é instituída oficialmente apenas no início do século XX, e que, desde então, veio avançando e criando histórias únicas e personagens singulares. Em relação à importância desse momento, Yehoshua (1998) considera que:

A Geração do Estado (termo que me agrada e fico feliz em saber que inclui) ajudou, primeiro com a poesia e depois com a prosa, o teatro e talvez também o cinema, a formar e consolidar a identidade israelense. Quero estabelecer aqui alguns dos fundamentos característicos em que se baseia esta afirmação, dos elementos que nos ajudaram a extrair a essência de nossa identidade geracional, não apenas em si mesma, mas também para diferenciá-la claramente das gerações contíguas [...]. Primeiro: somos a geração que internalizou claramente a transição de Eretz Israel para Israel, o que teve um significado profundo, pois nos inculuiu uma consciência clara das fronteiras e da segurança que o conhecimento das fronteiras confere. [...]. O que tornou esta geração tão dominante na literatura israelense, não apenas do ponto de vista puramente literário, ou da pesquisa literária, mas também do ponto de vista da rica inter-relação com os leitores? Acho que, desde o início, tivemos um certo equilíbrio interessante entre o manifesto e o oculto. (YEHOSHUA, 1998).

Segundo Yehoshua (1998), a Geração literária do Estado tem uma forte influência na sociedade israelense, pois foi uma das responsáveis para o estabelecimento de uma identidade sólida. Além disso, a literatura analisada colaborou com as diferentes formas de expressão

---

<sup>6</sup> Anteriormente à formação do Estado de Israel, a nação já tinha uma literatura que não era conhecida ainda como “literatura moderna israelense”, mas sim como “literatura hebraica”. A história da produção literária israelense engloba o período anterior e posterior à formação de um Estado independente.

artística que contribuíram para fortalecer a sociedade em formação. Assim, nota-se uma singularidade nos escritos literários da geração de um Estado independente.

### 1.3 A INSERÇÃO DA LITERATURA DE AMÓS OZ NA SOCIEDADE ISRAELENSE DA DÉCADA DE 1960

Na década de 1960, a literatura israelense passava por uma mudança de perspectiva sobre a sociedade e o indivíduo geracional. Nesse período, surgiram alguns escritores que trouxeram um legado não somente para a literatura, mas também para a história de Israel. Anteriormente, a literatura havia sido marcada pela “Geração da Terra”, segunda geração de escritores, formada por intelectuais nativos que tinham ideais sionistas-socialistas e acreditavam no surgimento de uma sociedade fundamentada no trabalho e no cuidado com a terra. Acerca desse grupo, Berezin (1983) disserta que:

Esses jovens escritores não conheceram outra cultura, a não ser a cultura hebraica de Israel, não conheciam outra língua a não ser o hebraico. Estavam ligados àquela parcela atuante e progressista da comunidade israelense, que aspirava construir uma sociedade nova, baseada na justiça social, no modo de vida coletivo e no trabalho agrícola do kibutz. (BEREZIN, 1983, p. 7).

Voltando nosso olhar para a literatura de Amós Oz, podemos descrevê-la como singular por nela existirem algumas particularidades dos personagens criados pelo autor que moravam em uma sociedade com muitos valores emocionais. Seus contos relatam vivências de pessoas marcadas por um passado dolorido, mas que poderiam ser transformadas em esperança e vida.

Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Brasil, em 2011, Amós Oz afirmou que possui a necessidade de contar histórias, que escreve sobre pessoas comuns, não sobre líderes, não sobre os que escrevem a História, mas os que são vítimas dela. Escreve sobre o passado e não sobre futuro. Sobre um Israel formado no cotidiano das pessoas. Suas personagens são pessoas que abandonaram a Europa, mas que sentiram saudades dela. Que esperavam encontrar em Israel seu paraíso perdido, mas que encontraram e vivenciaram contradições que ainda hoje não foram solucionadas. Entre seus principais motivadores para a literatura está a vontade que tinha, desde criança, de possibilitar uma segunda chance às pessoas e às situações que não teriam uma segunda chance. (MOREIRA, 2016, p. 89).

Assim, destaca-se que a literatura de Oz é marcada por personagens imigrantes os quais acreditam que, ao viverem em uma nação com novos ideais, poderiam recomeçar suas

vidas em um estado de paz e possuir uma identidade própria. Tal fato relaciona-se diretamente com a infância do autor em Jerusalém, época na qual a cidade estava sob a autoridade do Mandato Britânico e os habitantes não tinham a liberdade de um cidadão comum.

Na década de 1960, o Estado de Israel já havia sido instituído e novos escritores, como Amós Oz, A. B. Yehoshua e Yoram Kaniuk, surgiam para reconfigurar a literatura israelense. Dessa forma, a produção literária da época se caracterizou por ter traços pessoais e originais. Tratando mais especificamente de Oz, identifica-se que sua literatura era constituída por traços críticos a respeito da sociedade na qual vivia. Segundo Steinberg (2000, p. 71), “A geração de Amós Oz aceitou Israel como um fato natural que devia sobrepor-se a todas as diferenças e rachas que existiam entre os diferentes grupos que emigraram para Israel”. Ademais, Guinsburg (2009) discorre que:

A literatura hebraica no Estado de Israel procedeu, em suas múltiplas faces e desdobramentos ao longo de 60 anos, uma inovação narrativa e poética operada pela ruptura do discurso ideológico e programático (política ou estilística) e do discurso laudatório de afirmação nacionalista inscritos na literatura das primeiras décadas da fundação do Estado. Ruptura e inovação que se fizeram pela renovação da retórica da tradição – cujos “ecos muito antigos ressoam no discurso da contemporaneidade” – com as marcas da modernidade, o que resultará numa criação original, vigorosa e abundante e de notada qualidade. Reescritos semântica e formalmente, temas, estilos, procedimentos técnicos, abordagem do país e sociedade e tipo de “herói” judeu vão ao encontro da identidade literária judaica e da modernidade estética na literatura hebraica no Estado de Israel. (GUINSBURG, 2009, p. 1).

A escrita na produção literária israelense foi ganhando, no decorrer dos anos, traços contemporâneos que transformaram e deram às criações um caráter próprio da época. Essas mudanças são fortemente observadas através da forma e do conteúdo presentes nos textos literários e estão diretamente ligados ao contexto histórico do qual a sociedade de Israel vivia.

#### 1.4 *MEU MICHEL* E A GUERRA DOS SEIS DIAS

Em junho de 1967, foi travada uma guerra imediata que ocasionaria marcas sociais as quais permanecem na história dos povos rivais até os dias atuais. O conflito repentino ficou conhecido por “A Guerra dos Seis Dias”, ou também nomeado como “Terceira Guerra Árabe-Israelense”. Esse embate entre os povos árabes e os israelenses concedeu a Israel alguns territórios, a exemplo da área de Gaza e da Cisjordânia.

Foi um conflito que nenhuma das partes desejava e que, ao contrário do que possa parecer, careceu de planejamento político e estratégico por parte de Israel, embora muitos analistas árabes acreditassem que o conflito fora deliberadamente provocado pelos israelenses para expandir seu território. Contudo a conquista e a ocupação da Cisjordânia e das colinas de Golã foram definidos ao longo das batalhas e não estavam nos planos iniciais dos estrategistas israelenses. (CAMARGO 2013, p. 441–442).

Esse e outros conflitos quase levaram à destruição de um país que acabara de tornar-se independente. Eventualmente, o Estado de Israel saiu vitorioso dessa batalha. Como um militante da guerra de 1967, Amós Oz tinha opiniões próprias sobre o combate e sobre como os problemas surgidos poderiam ser solucionados. Para o escritor, a paz entre as pessoas poderia ser um início da reconstrução de uma sociedade estabilizada e amadurecida. Conforme vemos em Steinberg (2000),

Oz sustenta que a paz é um processo longo e difícil pois se confrontam dois povos pelo mesmo território e duas lutas justas e legítimas, que recorreram às armas para defender cada um suas posições políticas. Mas este confronto, segundo Oz, acabou minando as relações internas entre os próprios judeus. (STEINBERG, 2000, p. 72).

Em meio à guerra, a vida das pessoas na sociedade não era mais a mesma. Os conflitos não permaneceram somente entre povos distintos, mas também entre os povos de uma mesma cultura. Para Oz, a solução mais sensata, como uma maneira de trazer paz à sociedade, vinha por meio de suas ideias, memórias e opiniões, materializadas em suas produções literárias.

A Guerra dos Seis Dias perdurou durante um curto espaço de tempo, porém deixou marcas que vigoram até hoje. Como afirmou o professor de história, Kenneth Stein, à revista *BBC*, “A guerra transformou o Oriente Médio porque teve um impacto significativo no mundo árabe, em Israel e na atuação dos Estados Unidos na região [...]. As sequelas prosseguem e ainda não conhecemos o resultado final” (BBC, 2017).

Para Israel, o conflito não era uma surpresa, mas obter a vitória ao final de uma guerra que reuniu soldados de alguns países árabes inimigos foi algo inesperado. Por esse motivo, a guerra de 1967 foi um momento de incertezas e maravilhas ao país. Na opinião de Oz, bem como afirma em entrevista para a revista *Roda Viva*, em 2007, o conflito foi um desastre:

Eu disse várias vezes que o conflito entre judeus israelenses e árabes palestinos é uma tragédia. É um conflito entre o certo e o certo. Tragédias se resolvem de duas maneiras. Há a maneira shakespeariana de resolver uma tragédia. Ao final de uma tragédia de Shakespeare, o palco está coberto de

cadáveres, mas a justiça prevalece. E há também a maneira tchecoviana de resolver uma tragédia. Ao final de uma tragédia de Tchecov<sup>7</sup> [(1860-1904) escritor russo. Depois de se formar em medicina, passou a escrever contos e peças teatrais de grande aceitação do público. Criou o gênero literário conhecido como conto moderno: história com grande emoção e enredos curtos. É autor de *Tio Vânia*, *Ivanov*, *As três irmãs* e *O jardim das cerejeiras*, peças que não deixam de ser encenadas com grande sucesso], todos estão decepcionados, desiludidos, amargos, de coração partido, melancólicos, mas vivos. Eu e meus colegas do movimento de paz em Israel queremos uma solução tchecoviana e não shakespeariana. O que significa uma concessão, não uma lua-de-mel. Não queremos amor. Nunca acreditei no lema “faça amor, não faça a guerra”. Porque o contrário de guerra não é amor, o contrário de guerra é paz. Não é preciso haver amor entre os inimigos para que haja paz, para que eles parem de atirar e matar e vivam como vizinhos. Só precisamos de paz, não necessariamente de amor. Com relação aos palestinos, meu lema é “faça a paz, não faça amor”. (OZ, 2007).

Como pudemos ver brevemente, Amós Oz foi engajado politicamente desde a juventude, servindo a seu país através da militância. Entretanto, apesar de lutar em defesa da nação na Guerra de 1967, o escritor erguia a bandeira da paz entre os conflitos árabe-israelenses, isso porque, para ele, existia uma solução para qualquer problema de uma nação: a paz, e não a guerra.

---

<sup>7</sup> Anton Tchecov é um escritor e médico russo.



## CAPÍTULO II – A VIDA DE HANA GONEN À MARGEM DA SOCIEDADE

### 2.1 A FIGURA FEMININA ATRAVÉS DA LINHA DO TEMPO DA CULTURA HEBRAICA

Na sociedade hebraica, a figura feminina do período bíblico ao período moderno enfrentou inúmeras questões sociais, religiosas, culturais e políticas. Ao longo dos anos, os embates em relação ao papel da mulher na comunidade foram desconstruídos por meio de estudos científicos e religiosos, bem como, também, através da luta feminina em meio aos movimentos feministas constituídos. Em relação à mulher, Kochmann (2005) afirma:

Com o decorrer do tempo e por força das influências estrangeiras, especialmente a grega, foram excluídas de toda atividade pública e passaram a ficar relegadas ao lar. Essa situação das práticas cotidianas daquela época foi expressa nas leis judaicas então estabelecidas e permanece a mesma até hoje. (KOCHMANN, 2005, p. 35).

Nos tempos remotos, a mulher era vista como inferior e, por isso, tratada como um “objeto” na sociedade em que vivia. A realidade feminina da época era infeliz, pois as famílias formadas tinham suas particularidades, admissíveis em meio à cultura existente na sociedade local. De acordo com Chouraqui (1990, p. 141 *apud* Feldman, 2006, p. 256), a descrição de cada grupo familiar era “[...] endogâmica, patrilinear, patriarcal, patrilocal, ampliada e polígama”. Em consonância com o discorrido, Feldman (2006) ainda aponta que:

A posição da mulher hebreia, de acordo a lei, não é das melhores. Não podia abandonar seu marido, designado como BAAL (palavra hebraica que significa dono), seu amo e senhor. A poligamia era aceita (HEATON, 1965, p. 61–63). Por outro lado, apesar de a lei bíblica aceitar a poligamia (DEUTERONÔMIO, c. 21, v. 15), o relato da Criação fala de um ideal monogâmico, mesmo frisando a inferioridade da mulher já que “[...]ele (o marido) te dominará (GÊNESIS, c. 3, v. 16). (FELDMAN, 2006, p. 257).

À vista disso, a figura feminina era submetida ao seu marido de todas as formas possíveis. Em contrapartida, o homem não era dominado por ninguém, muito menos por uma mulher. Nesse entendimento, o homem era o senhor e chefe da casa, possuindo tudo e todos ao seu lado. Por sua vez, o papel da esposa era semelhante ao de uma escrava que deveria servir a seu senhor em tudo o que ele necessitasse.

Naquele período, a sexualidade era um tema tratado pela sociedade com intolerância, principalmente em relação à figura feminina, uma vez que um traço característico social das famílias era o patriarcalismo: o marido tinha o dever de cuidar de toda e qualquer decisão relacionada à família, inclusive, detinha o direito de possuir outras mulheres.

A mulher se torna impura durante quase a metade do mês (CHAHON, 1982). Isso servirá de pretexto, em nossa compreensão, para a exclusão das mulheres dos estudos e da vida pública civil e religiosa. Pode-se perceber que a questão da pureza e da impureza tende a criar certos mecanismos de controle e de exclusão da mulher da religião, do estudo e da vida pública. (FELDMAN, 2006, p. 262).

Durante muito tempo, a voz da mulher foi silenciada devido a muitos pensamentos formados pelo homem na tentativa (por um tempo, bem-sucedida) de centralizar o poder em si próprio e subjugar a mulher. Um exemplo que podemos usar é o de que o homem, em outro método para inferiorizar o posicionamento da mulher na sociedade, manipulou o conceito e impacto da menstruação — um fator natural do sexo feminino — como uma justificativa para restrição dos direitos sociais e identitários, apontando o processo como causador de “impureza”.

Após o século XX, a luta feminina pela independência persistiu, e a influência da mulher na sociedade começava a se formar. A mulher conquistou um lugar de prestígio nos meios sociais graças aos movimentos feministas, os quais permitiram, conseqüentemente, que elas tomassem posse de cargos antes direcionados somente aos homens. A esse respeito, Feldman (2006) comenta que:

A mulher foi emancipada em Israel, no desenrolar do século XX, com a colonização pioneira das colônias socialistas (*kibutzim e kvutzot*). Lado a lado, na sociedade israelense, mulheres “liberadas” convivem com mulheres ortodoxas (religiosas) e muçulmanas, que não são emancipadas. A Historiografia contrapõe, lado a lado, visões antagônicas dos dois (três) lados, defendendo suas teses. A Universidade Bar Ilan (fundada e mantida pelos religiosos modernos) tem diversos estudiosos pesquisando e defendendo posturas tradicionais. Na Universidade de Jerusalém temos o oposto. O confronto aparece nas obras e no cotidiano. (FELDMAN, 2006, p. 255).

Tal segmentação trouxe uma diversificação na sociedade israelense, transformando-a em um corpo social variado, no qual podiam-se encontrar diferentes visões e posicionamentos relacionados ao papel feminino.

E se são revistas as prioridades a que a mulher “deve” dedicar seu tempo, verifica-se hoje que as tarefas do lar são compartilhadas por mulheres e homens de maneira igualitária. É mister mencionar, também, a vasta gama de inventos e facilidades que proporcionam à mulher moderna a possibilidade de se organizar de forma a manejar os seus tempos como o preferir. Além de poder contar com a ajuda de outras pessoas, ampliando assim a sua liberdade. (KOCHMANN, 2005, p. 40).

Em síntese, a mulher na sociedade patriarcal era um ser humano que sobrevivia sem direitos e que se submetia ao seu esposo em todas as áreas da vida e, por isso, não desfrutava de uma liberdade comum ao sexo oposto. Com o tempo, a figura feminina foi encontrando sua voz em meio à sociedade vigente que, aos poucos, deixava o pensamento arcaico para trás.

## 2.2 A FIGURA DA MULHER DO PÓS-GUERRA E SUAS PARTICULARIDADES

A imagem da mulher hebreia durante a história da sociedade judaica israelense se modificou ao longo dos períodos da cultura hebraica. A partir disso, é possível segmentar essa visão em dois grupos distintos: a antiga figura da mulher hebreia e a mulher moderna israelense. Nota-se, com essa divisão, algumas características físicas, psicológicas e emocionais da antiga mulher hebreia que permanecem intocáveis na mulher moderna israelense, determinando-as como um símbolo do sexo feminino.

Na obra *Meu Michel*, de Amós Oz, a personagem Hana Gonen é uma mulher que representa a feminilidade na literatura do Estado israelense. Ela vive uma vida solitária e desolada na sociedade por se considerar imersa em um mundo ilusório e não desfrutar da própria realidade. A personalidade de Hana é caracterizada por ser introvertida e, ao mesmo tempo, aparenta uma tristeza que a impulsiona a se refugiar em seus sonhos, os quais são marcados por uma intensidade em agressões e erotismo.

Convém ressaltar que a personagem enfrenta algumas circunstâncias complexas em sua vida conjugal e social, apresentando uma apatia em suas relações. Em contrapartida, observa-se a coexistência de Hana em dois mundos diferentes simultaneamente: o mundo real e o mundo ilusório. Pode-se considerar que, devido a inúmeras guerras disputadas pelos israelenses, a mulher de *Meu Michel* experienciou momentos de terror durante toda sua vida, ocasionando fortes traumas e deixando resquícios de tais acontecimentos.

A vida conjugal da personagem é marcada por inúmeras frustrações, apesar de seu marido, Michel Gonen, ser um homem respeitoso e carinhoso. Mesmo assim, percebe-se que

Hana decide ter como refúgio sonhos eróticos com alguns homens os quais participaram de sua vida. Observa-se que o que a personagem vivencia trata-se de uma fuga da realidade de um casamento sem plenitude.

A princípio, constata-se que os conflitos da personagem se iniciam a partir de sua alma e de seu corpo. Na narrativa, esses embates eram perceptíveis através de seus relatos sobre os próprios desejos e sonhos. A maioria das oposições entre ideias estava relacionada a situações de que Hana não exercia controle, como a troca dos membros femininos por membros característicos masculinos e a presença de pessoas idealizadas por ela ou de pessoas que fizeram parte de sua vida, por exemplo.

Ao longo da narrativa, Oz apresenta a alma da personagem que, segundo Bonder (1998, p. 14), é descrita como “transgressora e imoral, por não corroborar os interesses da moral”. Assim, percebe-se a existência de uma característica específica da personagem de Hana Gonen: sua alma é imoral. Verifica-se isso através de seus desabafos sobre o próprio casamento e seus sonhos libertinos.

Ademais, entende-se que a alma da personagem é vista como uma “alma viva”. Hana é um ser humano vívido, pois segundo Bonder (1998, p. 22), “[...] a alma vive do que a sociedade reconhece como imoral.”. Um dos acontecimentos a se destacar na vida da personagem é, quando em um momento de intimidade com seu marido, Hana começa a refletir sobre momentos sensuais e eróticos com outros homens. O trecho selecionado abaixo relata o episódio mencionado,

Com paciência e atenção, Michel aprendera a contentar o meu corpo. [...] Quando eu acordava ao amanhecer, queria ele de novo. Visões selvagens me vinham, sem que eu as desejasse. Um eremita de capa de pele me levava ao bosque do Schneller, mordida meu ombro e gritava. [...] E os morenos. As mãos delicadas, mas firmes. As pernas bronzeadas e cabeludas. (OZ, 1982, p. 87).

Em síntese, compreende-se que Hana vive algumas aventuras as quais carregam um misto de emoções que transformam sua jornada em um caminho mais leve e feliz. Esses eventos são caracterizados pela fértil imaginação da personagem ao criar situações definidas como “ímorais” para uma jovem mulher casada em um período tão conservador quanto aquele. Como sustentação do discorrido, tem-se a seguinte constatação de Hana: “A visão despertou em mim uma alegria indecente como aquela que experimento nos sonhos em que um estranho me possui.” (OZ, 1982, p. 123).

Em virtude da afirmação feita pela personagem, entende-se que Hana tem preferência por experiências da alma a experiências do corpo, fato que configura uma forma de fuga de sua realidade atual ou de seu passado difícil. Em fechamento, conforme afirma Bonder (1998, p. 59), “É a alma que fica inconformada com os sacrifícios vazios do corpo e é ela a responsável pelos atrevimentos, ousadias, riscos e transgressões.”.

### 2.3 ANÁLISES DO PSICOLÓGICO FEMININO EM HANA GONEN

A personagem feminina de *Meu Michel* apresenta características psíquicas que são transmitidas através de suas ações. Verifica-se que Hana desenvolveu algumas manias durante sua vida que a ajudaram a criar um comportamento apaziguador da realidade na qual está inserida, conduta aqui representada por suas compras excessivas. Ao mesmo tempo em que o ato de comprar excessivamente é tido como um comportamento negativo para os que a observam (seu marido, Michel Gonen, não compreende as ações da esposa, por exemplo), tal atitude evidencia um sentimento de prazer na protagonista, uma vez que ela pensa ter o domínio da situação. Tudo isso configura características específicas de uma vítima de oniomania<sup>8</sup>.

Apesar de viver essa realidade, a personagem demonstra uma atuação sentimental com um viés melancólico. Sua sensibilidade em amar alguém, porém, era mais forte e mais intensa em seu passado. Entretanto, como é passível de ser analisado, existe um almejo esperançoso em não perder suas particularidades emotivas. Tal conjuntura pode ser percebida na afirmação de Hana sobre amar: “Quando eu era criança, tinha muita capacidade de amar e agora a minha força de amar está morrendo. Não quero morrer.” (OZ, 1982, p. 83).

Acredita-se que existem outros traços característicos da personagem que constata um desprazer em Hana. A protagonista possui uma alegria excedida, distante do mundo concreto em que vive, portanto, todas as coisas palpáveis e translúcidas são desconsideradas por ela. Observa-se que a obscuridade vivida no psíquico da personagem corrobora uma tristeza profunda, embora seja a realidade preferível de Hana. Nota-se, por fim, uma veracidade das fantasias experimentadas por ela.

A personagem de Amós Oz, ao longo de sua vida, resiste aos cenários traumáticos que perduram em suas lembranças e são representados através de comportamentos digressivos em relação a si e a outras pessoas. Destaca-se a comparação da vida de Hana em relação à vida de

---

<sup>8</sup> “Oniomania” é uma preocupação excessiva ou perda de controle sobre o ato de comprar.

Tamar — personagem bíblica filha do rei Davi — caracterizada por ser uma mulher judia abalada emocionalmente devido ao abuso sofrido pelo próprio irmão. Com desejo afrodisíaco, Hana Gonen coloca todas as circunstâncias negativas vividas por Tamar a seu favor. Assim, apresenta uma maneira de fugir da própria realidade ao imergir em suas fantasias, conforme se pode ver no trecho abaixo:

Se eu fosse Tamar, faria Amnon ajoelhar-se à minha frente por sete noites. Depois que ele confessasse, em linguagem bíblica, os tormentos do seu amor, eu lhe ordenaria que me transportasse num barco a vela para as ilhas do arquipélago, para a vastidão onde os peles-vermelhas transformam-se em seres marinhos, brilhando com pontos prateados e faíscas elétricas e as gaivotas flutuam no espaço azul. (OZ, 1982, p. 21).

É perceptível a comparação entre as personagens Tamar e Hana. A personagem de Tamar é uma mulher hebreia que viveu durante o período bíblico, mulher jovem, bonita e vítima de um estupro pelo próprio irmão. Com o desaparecimento de sua vitalidade, Tamar transforma-se em uma mulher amargurada, desejando a própria morte. Observa-se que os traços adquiridos por Tamar após o ocorrido, equivalem-se aos sentimentos vivenciados pelas mulheres durante todo o período bíblico. Dessa maneira, pode-se analisar a visão antiga do feminino como um ser sedutor que atraía desejos sexuais e que, por esse motivo, deveria ser dominado e controlado na sociedade em que vivia (FELDMAN, 2006).

A personagem Hana Gonen, de Amós Oz, era uma mulher israelense que cresceu em uma sociedade sofrida, embora algum tempo depois tenha se tornado independente e moderna. No passado, o Estado israelense experienciou inúmeras guerras que atingiram toda a população. Assim como Tamar, Hana era uma mulher jovem, bonita e casada, mas que em um futuro próximo perderia o prazer de viver tornando-se uma mulher angustiada e compulsiva. Imersa em um mundo imaginário, Hana mantém-se fora do mundo real, dessa forma apresenta uma defesa para sua sobrevivência em sociedade. Analisando a figura feminina em *Meu Michel*, Gonen era conhecida pelas pessoas próximas por ser bem resolvida em todas as áreas de sua vida, porém a veracidade dos fatos era conhecida somente por seu marido e por ela mesma.

À semelhança de Tamar, que havia sofrido agressões físicas de seu próprio irmão, aponta-se que Hana fora vítima de condutas agressivas por parte de dois “amigos” de infância. Tal ato estava tão vivo em sua mente que, recorrentemente, revivenciava em sonho o ocorrido. O acontecimento no sonho de Hana era um reflexo daquilo que vivenciara quando ainda era uma criança. Sob essa análise,

O despertar aterrorizado durante o sono tem como equivalente a mesma função de sintoma nos processos neuróticos, tal como ocorre na fobia, por exemplo. Ambos, terror noturno e sintomas fóbicos, são defesas produzidas pelo pré-consciente para suportar a intensidade dos desejos inconscientes que, no presente, liberam desprazer. (FERREIRA, 2018, p. 60).

No decorrer do romance, Michel Gonen começa a viver um casamento indiferente com Hana, tornando-se uma companhia estranha. A personagem não conseguia viver um casamento pleno, um amor verdadeiro ao lado de seu marido: a forma de viver de Hana (uma mulher que enfrentava muitos conflitos internos, como melancolia, neurose e traumas), afetava não somente ela, mas também todas as pessoas ao seu redor, incluindo Michel. Como afirma Freud (1969 *apud* Ferreira, 2018, p. 38),

Ao analisar a melancolia, Freud verifica que nos indivíduos afetados apresenta-se uma falta da necessidade de relação sexual em um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica. Buscando estabelecer a origem sexual da melancolia, diria que estes indivíduos apresentam uma tensão erótica psíquica. Logo, a origem da angústia nas neuroses começava a ganhar suas formas: “onde se acumula tensão sexual física – neuroses de angústia, e quando se acumula tensão sexual psíquica – melancolia. (FREUD, 1969 *apud* FERREIRA, 2018, p. 38).

A personagem de Hana teve muita influência de seu pai e isso era refletido em suas escolhas, inclusive naquelas sobre o casamento. Compreende-se que devido a uma forte presença do pai em sua trajetória, Hana seguia os conselhos de seu progenitor e, como consequência, seu inconsciente teria guardado todos os discursos anunciados por ele, que posteriormente vivenciaria, pois “Os processos inconscientes são indestrutíveis. No inconsciente nada fica para trás nem pode ser interrompido ou esquecido, e os processos que ali se dão são caracterizados por sua forma ativa.” (FERREIRA, 2018, p. 62). Abaixo, temos um relato da personagem a esse respeito:

De repente, assustei-me com o homem escuro que caminhava à minha esquerda e não falava. A gola do seu casaco estava levantada até o queixo. Seu corpo era fino como uma sombra. Um quepe de estudante, de couro preto, escondia a maior parte de seu rosto. Quem é ele? O que é que você sabe dele? Não é seu irmão, nem parente, nem amigo de infância. Apenas uma sombra desconhecida em um lugar afastado, numa hora escura e tardia. Talvez ele tencione agredir você. (OZ, 1982, p. 28).

Em síntese, evidencia-se que cada vez mais Hana Gonen se vê amedrontada com os diferentes acontecimentos de sua jornada. Logo, podemos estabelecer que, em seu passado, aconteceram alguns episódios que a fizeram uma mulher assustada e traumatizada.

#### 2.4 A COMPLEXA SEXUALIDADE FEMININA DA PROTAGONISTA DE *MEU MICHEL*

Quanto à sexualidade, observa-se uma particularidade da protagonista de *Meu Michel*: os diversos pensamentos de Hana sobre o que é ser uma mulher. Tais concepções tiveram origem em sua infância e eram apresentadas devido a algumas emoções nocivas que surgiam a partir de sua observação acerca das mulheres adultas: para ela, uma mulher madura cozinhava, casava e tinha filhos. Ressalta-se, aqui, que essas tarefas triviais direcionadas ao feminino eram contrárias à sua visão de mundo, já que, se possuísse o poder da escolha, optaria por ser um menino. Nessa perspectiva, Hana declara que:

Quando era criança, eu me apegava aos livros de Júlio Verne e Fenimore Cooper, que pertenciam ao meu irmão Emanuel. E pensava que se lutasse, subisse em árvores e lesse livros de garotos, apareceriam em meu corpo as características dos meninos e eu deixaria de ser menina. Eu achava sem graça ser menina. Mulheres adultas despertavam em mim ódio e nojo. (OZ, 1982, p. 25).

Em um momento da narrativa, a mãe de Hana relata a Michel que sua filha era uma moça muito delicada e sensível justamente por ter sofrido muito durante a vida. Ressalta, ainda, que ela era uma mulher especial e gostaria que ele soubesse disso, visto que, passariam o resto da vida juntos. Apesar do teor da conversa, a futura sogra não detalha quais foram as aflições vividas por Hana, principalmente, a maior delas: a morte de seu pai. Aqui, levanta-se um questionamento: teria Hana vivido assédio sexual em sua infância?

Eu quero registrar que até a nossa noite de núpcias recusei o meu corpo a Michel. Alguns meses antes de morrer, meu pai chamou-me para o seu quarto e fechou a porta. [...] Papai me contou sobre a existência de homens maus, que seduziam mulheres com belas palavras e as abandonavam suspirando. Eu tinha treze anos. [...] Papai colocara as coisas como se a existência de dois sexos diferentes fosse uma desarmonia, que trazia sofrimento ao mundo e as pessoas tinham que esforçar-se para amenizar as consequências dessa desarmonia. Por fim, disse que se eu me lembrasse dele em momentos difíceis, talvez pudesse evitar de tomar uma decisão errada. (OZ, 1982, p. 36–37).



Hana não teria se relacionado intimamente com Michel antes do próprio casamento. A justificativa para que isso não acontecesse era a de que Hana poderia não ter desejos por Michel, visto que as palavras de seu pai haviam permanecido em seu inconsciente. O conselho de seu pai a influenciara de uma forma embaraçosa, pois teria levado Hana a acreditar que relacionamentos entre homem e mulher seriam inaceitáveis e que, conseqüentemente, a relação entre pessoas do mesmo sexo seria o ideal, visto que traria “harmonia” ao mundo e aos indivíduos.

Anteriormente ao seu casamento, a personagem de *Meu Michel* teve mais um sonho, em que ficou estarecida durante um tempo. Entende-se que esse sonho poderia ocasionar memórias desagradáveis de uma infância traumatizante. Na fantasia, a protagonista do romance estava com dois homens gêmeos simultaneamente.

Numa das últimas noites, dois dias antes do casamento, tive um pesadelo assustador [...]. De repente, parou do nosso lado um jipe militar. Um oficial britânico, atarracado e reluzente, pulou dele e tocou no ombro de Michel. De repente, Michel virou-se e escapou, correndo como louco, virando barracas no seu caminho até sumir na multidão. Fiquei sozinha. Mulheres berravam. Apareceram dois homens e puxaram-me pelos braços [...]. Seguraram-me com tanta força que doeu. Arrastaram-me através de ruas sinuosas até o fim da cidade [...]. Fui arrastada degraus abaixo e empurrada para dentro de um porão iluminado por um lampião sujo de querosene. O porão era preto. Jogaram-me no chão [...]. Tínhamos a mesma idade, os três. (OZ, 1982, p. 37–38).

Analisando sua vida literária, vemos Hana Gonen como uma mulher que amava ler, e um dos livros lidos por ela durante a narrativa foi *Mulher sem Amor*, de André Maurois. Essa leitura reflete um momento em que seus sentimentos estavam à flor da pele, sendo refletidos em seus próprios comportamentos. Seria Hana a personagem de André Maurois? Em um dos momentos, Hana, estando sozinha, fecha a porta e encontra-se em um estado de “mulher selvagem”. Para ela, a dor era deliciosa e borbulhante. A protagonista vivencia um sonho erótico e muito assustador, pois todos os homens poderiam possuí-la, conforme se vê no trecho destacado:

Silenciosamente, os gêmeos prenderam-me os braços para amarrá-los atrás das costas. O poeta Saul debruçou-se para embriagar-me com seu bigode e seu cheiro quente. O belo motorista de táxi Rahamim Rahamimof também veio e enlaçou a minha cintura como se fosse um selvagem. No frenesi da dança, levantou meu corpo no ar. A música soava distante. Mãos pressionavam meu corpo. Amassavam. Davam palmadas. Sondavam. Ri e gritei até me esvaír. Sem voz. Os soldados se apertavam e faziam o cerco à minha volta com

uniformes de campanha malhados. Um cheiro de suor masculino exalava deles. Eu era de todos. (OZ, 1982, p. 132).

O que se verifica aqui é uma fuga da realidade. Hana vivia mais intensamente a vida que havia criado em sua mente do que a vida real. Viviam, dessa forma, uma vida idealizada, fora do comum, na qual poderia fazer tudo o que desejava em seu coração. Distante dos fatos, ela colocava para fora tudo aquilo que não vivenciava em seu próprio casamento, no mundo real. Através dos sonhos eróticos, de seus prazeres nas dores, sentia-se satisfeita, pois poderia fugir da própria realidade. Era uma junção do amor platônico com masoquismo.

Apesar de possuir uma vida escondida e de preferir viver fora de sua própria realidade, a personagem de Oz sentia falta de seu marido, afinal, mesmo vivendo juntos, o casal permanecia distante um do outro. Embora criasse fantasias, Hana amava Michel, ele era o homem que ela tinha escolhido para se casar.

Considerando os acontecimentos em sua vida amorosa e social, Michel começa a se afastar cada vez mais de Hana, o que evidencia um esfriamento na relação conjugal. Por esse motivo, Michel entra em uma relação com Yardená, uma antiga amiga, mesmo permanecendo casado com Hana. A partir disso, a protagonista reafirma que sua vida nada mais é do que uma criação de desejos, sonhos, memórias e traumas e, por esse motivo não poderia ser feliz.

Levanta-se alguns questionamentos para a declaração dada por Hana: teria ela alguns problemas em relação a sua sexualidade? Poderia estar vivenciando uma crise de identidade? Conforme mencionado anteriormente, a personagem sonharia em ter ou nascer com membros e características masculinas, porque, para ela, eram mais interessantes. Segundo Ferraz (2005, p. 2321), “a materialidade do corpo recoloca o problema: renegar sua identidade e condena a renegar seu próprio corpo”. Aqui, Gonen pensava como Yentl, personagem feminina do filme homônimo, de Streissand. Como aborda Singer (1978) no livro *Yentl: o rapaz da Yeshiva* (1983),

- Yentl, você tem alma de homem.
- Neste caso, por que nasci mulher?
- Até o céu comete enganos. Não havia dúvida a respeito. Yentl não se assemelhava a nenhuma moça de *Yanev*. (SINGER, 1978, p. 119–142).

De acordo com Streissand, Yentl era uma mulher que não se reconhecia como tal. Ela não sentia o que mulheres costumam sentir, não tinha os hábitos comuns de uma mulher e não gostava das atividades direcionadas à figura feminina na sociedade. Ela era diferente de todas as mulheres da época. Yentl era ao contrário de suas raízes. Ela vivia na contramão de todos os

estereótipos da época. Era difícil saber se era um homem ou uma mulher. Assim como Hana, Yentl estaria vivendo uma crise de identidade e, dessa forma, não tinha uma sexualidade completamente formada. Existiam questões que ninguém poderia responder. Sendo assim, em suas reflexões, Hana declara:

Lembro-me de um momento esquisito, uma sensação aguda me penetrando: eu não estava acordada, o tempo não era o presente. Tudo isso já me acontecera antes. Ou talvez alguém, há anos, tivesse me aconselhado a não andar na escuridão, por um caminho negro, na companhia de uma pessoa má. O tempo deixou de ser um fluxo ritmado e uniforme. Dividiu-se em brascas investidas. Pode ter acontecido em minha infância. Ou num sonho. Ou nalguma história macabra[...]. (OZ, 1982, p. 28).

Conforme o decorrido durante esta seção, a protagonista do romance de *Meu Michel* vivencia momentos conturbados em um sonho misterioso. Poderia ter sido um sonho normal ou apenas uma relembração de um trauma de vida. Nota-se que todas as experiências vividas pela personagem foram refletidas em sua vida adulta como uma nostalgia, um desejo ou uma tristeza. Compreende-se, portanto, que todas as fugas do mundo real de Hana eram necessárias para uma vida longa e para outros relatos sobre sua história: real e ilusória.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendia observar a história do autor Amós Oz e, mais especificamente, da geração literária conhecida como Geração do Estado, que demonstrou em seus diferentes trabalhos artísticos um caráter mais individual da sociedade israelense. O renomado escritor foi (e ainda é) conhecido como um dos principais autores da cultura literária israelense por possuir um papel significativo na sociedade e no mundo, além de defender seus ideais sobre a paz mundial.

Em suma, notou-se que as obras de Amós Oz são relevantes não somente para Israel, mas também para outros países mundo afora. Por meio de seus escritos e posicionamentos em entrevistas, podemos ter contato com sua visão e com sua própria história. Assim, compreende-se que sua jornada contribuiu para uma formação consolidada de seus pensamentos sobre o mundo. Simultaneamente, pode-se compreender a história de seus antepassados e sua própria história, bem como entender a importância da sua literatura para a sociedade em que vivia e também para outras pessoas. Assim, entende-se que a figura respeitável do autor Amós Oz se apresenta a fim de fazer conhecida a sua história, a história do povo hebreu e a história dos indivíduos que sobreviveram a inúmeras guerras, como a Guerra dos Seis Dias em que *Eretz Israel* saiu vitorioso.

A terra de Israel transformou-se ao longo dos anos e enfrentou algumas guerras e conflitos em busca da independência. Durante esse percurso, ocorreram mudanças significativas em sua sociedade que foram refletidas, entre outras artes, na literatura. Com o objetivo de alcançar maior autonomia, Israel, ao longo dos anos, tornou-se uma sociedade persistente e resistente em cada adversidade. Essas particularidades foram fundamentais na conquista da liberdade.

A Geração do Estado na literatura teve uma forte atuação na sociedade por ter iniciado durante o período de transição no qual a sociedade viveu. É uma geração de escritores, autores e artistas que buscaram refletir sobre um ser humano individualmente inserido em determinada sociedade que vivenciava mudanças e muitas questões internas profundas adquiridas ao longo dos anos. Dessa forma, constata-se que algumas situações complexas vivenciadas por um indivíduo levam a uma compreensão de que a mente e outros atributos de um ser humano são infinitos e enigmáticos.

A literatura de Oz, que demonstra um viés individualista, é refletida fidedignamente pela personagem feminina Hana Gonen, de *Meu Michel*: uma jovem mulher casada que vivencia muitos conflitos internos causados por uma vida caracterizada por sofrimentos e

tristezas. Entretanto, através da personagem, compreende-se o papel e a imagem da mulher israelense na sociedade, assim como os motivos de cada escolha feita, reflexos de sua própria criação e momentos vividos.

Finalmente, é possível afirmar que a figura da mulher israelense retratada em Oz carrega muitas questões relacionadas às características particulares, ao psicológico e à sexualidade, configurando um modelo de um indivíduo que, embora continue prosseguindo sua jornada de vida, se vê internamente abalado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEREZIN, Rifka (org.). **A geração da terra**. São Paulo: Summus, 1983.

BONDER, Nilton. **A alma imoral**: traição e tradição através dos tempos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CAMARGO, Cláudio. Guerras Árabes-Israelenses. In: MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2013.

FELDMAN, Sérgio Alberto. A mulher na religião judaica: período bíblico: primeiro e segundo Templos. **Métis**: história & cultura, jul./dez. 2006.

FERRAZ, Stella Montalvão. **De “Yentl, o rapaz da yeshiva” de Isaac B. Singer a Yentl de Barbra Streissand**: uma perspectiva feminina. ANPOLL/ UERJ. XI Seminário Nacional Mulher e Literatura, II Seminário Internacional Mulher e Literatura. Ago. 2005.

FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos. **Freud e a fantasia**: os filtros do desejo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GUINSBURG, Jacó. A literatura hebraica no Estado de Israel. **WebMosaica**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009.

KOCHMANN, Sandra. O lugar da mulher no judaísmo. **Revista de estudos da religião**. São Paulo, n. 2, p. 35–45, 2005.

MOREIRA, Fernanda. **Representações de Jerusalém na literatura**: a cidade sonhada de Moacyr Scliar e a cidade dessacralizada de Amós Oz. Rio de Janeiro, 2016.

Os seis dias que já duram 50 anos: a guerra que mudou para sempre o Oriente Médio. **BBC News**. Brasil, Internacional (tradução em português). [s.l.], jun. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40200042>. Acesso em: 20 dez. 2020.

OZ, Amós. **Meu Michel**. Trad. Sônia Boguchwal e Nora Rosenfeld. São Paulo: Summus, 1982.

**Revista Roda Viva**. Entrevista a Amós Oz (Flip). São Paulo, 2007. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=THR\\_36ivDRA](https://www.youtube.com/watch?v=THR_36ivDRA). Acesso em: 20 dez. 2020.

ROZENCHAN, Nancy. **Literatura hebraica, vertentes do séc. XX**. São Paulo: Humanitas, 2004.

STEINBERG, Gabriel. **Abrindo a caixa preta**: uma leitura da sociedade israelense na década de 70. São Paulo, 2000.

SHAKED, Gershon. **A Nova Tradição**: ensaios sobre a literatura hebraica moderna. Cincinnati, OH: Hebrew Union College Press, 2006.

SINGER, Isaac Bashevis. **Yentl, o rapaz da Yeshiva**. In: Breve sexta-feira Zed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1978. p. 119–142.

YEHOSHUA, A. B. La Literatura de la Generación del Estado. **Israel Ministry of Foreign Affairs(MFAES)**. [s.l.], jun. 1999. Disponível em: <https://mfa.gov.il/MFA/MFAES/MFAArchive/Pages/A%20B%20Yehosha%20-%20La%20Literatura%20de%20la%20Generacin%20del.aspx>. Acesso em: 02 jul. 2020.

YENTL. Direção e produção de Barbra Streissand – EUA, MGM/UA Studios, 1983. 1 DVD (132 min.).